

Prazeres Incômodos: trajetórias de negros no universo do homoerotismo virtual

Placeres Incómodos: trayectorias de negros en el mundo del homoerotismo virtual

Inconvenient Pleasures: trajectories of black men in the world of virtual homoeroticism

Gibran Teixeira Braga

Resumo: neste artigo, é analisada a relação entre marcadores sociais como raça, gênero, classe e sexualidade, com base em dados de pesquisa sobre a trajetória de homens negros que buscam outros homens para sexo/afeto em ambientes virtuais. Desse modo, percebeu-se ambivalência nas formas com que a negritude é apreciada nesse contexto, oscilando entre rejeição, objetificação e mobilização de estereótipos de raça e masculinidade. Neste sentido, concluiu-se que a imagem do negro viril e hipersexual oferece possibilidades, mas também limita o universo erótico/afetivo desses usuários.

Palavras-chave: homoerotismo, estereótipos, raça, masculinidade.

Resumen: este artículo, analiza la relación entre los matices sociales como raza, género, clase y sexualidad, basado en datos de la encuesta sobre la trayectoria de hombres negros que buscan otros hombres por sexo/afecto en sitios virtuales. De este modo, se observó que los negros son tratados con ambivalencia en este contexto, que van desde el rechazo, objetivación y movilización de los estereotipos de raza y masculinidad. En este sentido, se concluyó que la imagen del hombre negro viril e hipersexual ofrece posibilidades, pero también limita el universo/afectivo erótico de estos usuarios.

Palabras clave: homoerotismo, estereotipos, raza, masculinidad.

Abstract: the paper analyzes research data on the trajectory of black men seeking sex and affection with other men in virtual environments from the perspective of the interactions of social markers such as race, gender, class and sexuality. The study revealed a perceived ambivalence in the ways by which negritude is appreciated in those environments ranging from rejection to objectification to mobilization of stereotypes of race and masculinity. The analysis concluded that the image of the virile and hypersexual black men paradoxically expands and limits their erotic and affective universe.

Keywords: homoeroticism, stereotypes, race, masculinity.

Gibran Teixeira Braga é Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGAS/USP- e pesquisador do NUMAS – Núcleo de Estudos de Marcadores Sociais da Diferença.

INTRODUÇÃO

Em minha pesquisa de mestrado (BRAGA, 2013), realizada entre 2011 e 2013, conversei com usuários de ambientes virtuais destinados a encontros afetivo/sexuais entre homens. O trabalho de campo foi realizado nas salas de bate-papo do Portal UOL – Sexo – Gays e Afins – Rio de Janeiro, além do site Manhunt¹, espécie de rede social que agrupa e

¹ <http://www.manhunt.net/>

² Programa de troca de mensagens instantâneas.

proporciona o contato entre milhares de perfis de homens procurando outros homens para sexo/relacionamento. Busquei compreender as representações que essas pessoas faziam sobre suas práticas erótico-afetivas, a partir de uma metodologia composta por uma combinação de minha própria experiência como usuário dos sites, análise das postagens públicas nos perfis e nas salas de bate-papo e entrevistas por MSN².

Ao final da pesquisa, pude perceber como uma lógica específica dos contatos em tais ambientes engendra o discurso de boa parte dos participantes. Por um lado, replicam-se certos pressupostos da matriz heterossexual, como a associação entre a posição de passivo (penetrado) no ato sexual e a feminilidade. Por outro lado, esse modelo convive conflituosamente com um modelo diferente, que busca justamente descolar a posição de passivo da afeminação, vista como um defeito pela maioria dos participantes. Assim, através dos atributos de “jeito e atitude de homem”, a masculinidade poderia estar a salvo da feminilização mesmo para os usuários que se declaram passivos.

Nesse artigo, discorro sobre as relações entre raça, classe e sexualidade a partir das conversas que tive com dois usuários que se declararam negros. Analisando seus discursos à luz de bibliografia que trabalha os marcadores sociais da diferença a partir da perspectiva interseccional, podemos articular os depoimentos a quadros sociais mais amplos. Tal perspectiva nos permite perceber como os marcadores classe, raça e sexualidade se articulam de maneiras não-óbvias e como

as trajetórias muitas vezes contradizem o senso comum a respeito dos sistemas de produção de diferença e desigualdade.

1. Trajetórias Eróticas

A iniciativa de participação na pesquisa sempre vinha dos interlocutores: eu entrava nas salas com o *nickname*³ “antropólogo” e postava uma mensagem pública convidando quem quisesse fazer parte da pesquisa. Essa abordagem fez com que a maioria das pessoas que me respondiam fosse de interessados no tema e/ou pessoas que diziam querer contribuir com a “ciência”. Um de meus interlocutores foi Nelson⁴, autodeclarado negro, 42 anos de idade. No caso dele, era um duplo interesse: já no começo da conversa, revelou-me que estava se preparando para iniciar um doutorado, indicou-me uma pesquisa semelhante à minha e questionou minha perspectiva teórica e meu recorte do objeto: “vc segmentou pelo tipo de gays ou colocou tudo no mesmo saco?”⁵

Nelson é médico, e se preparava para dar início a um doutoramento em saúde pública envolvendo sociologia do trabalho, e pretendia no ano seguinte ingressar na graduação em Antropologia. Disse ele: “sou maluco mesmo, estudar é minha vida.” Essa afirmação dá pistas sobre o que veremos a seguir acerca de uma ética específica e uma moralidade particular que orientam a trajetória de ascensão social de Nelson. Em seguida, ele começou a dar dicas sobre minha pesquisa:

Algo legal para se discutir é sobre envelhecimento e ser gay. Vai se deparar com as situações mais inusitadas possíveis. Outro assunto legal é sobre ser gay e negro. Aí o bicho come, pois os caras caem em cima achando que somos ainda um escravo reprodutor. Estive num encontro este ano sobre DST/AIDS e hepatites em São Paulo. Numa das discussões, um gay negro de Porto Alegre disse em alto e bom som sobre a dificuldade dele

³ Apelido utilizado como identificação dos usuários.

⁴ Todos os nomes são fictícios.

⁵ Entrevistas pelo MSN são feitas por escrito. Optei por mantê-las no original, por acreditar que a forma com que se escreve na internet é tão importante quanto o conteúdo das declarações.

ser atingido pelas campanhas de prevenção, ainda mais pelo fato dele ser passivo. Caras congelaram na sala: negro passivo??? Uepa! Um outro tabu, mas que é real no universo gay. A dificuldade dele relatada em encontrar um parceiro sendo ele passivo e que às vezes ele se submetia a ser ativo para não ficar só. Sensacional a fala dele.

Nessa fala, vemos como os mitos relacionando sexualidade e raça começam a tomar forma. A raça negra é aproximada da natureza, localizando os corpos negros em um espaço anacrônico. Uma das imagens mobilizadas é de uma sexualidade primitiva e mais intensa, menos “civilizada” e mais “animalizada” (MCCLINTOCK, 2010). A associação que Nelson faz do “escravo” com os animais machos reprodutores, garanhões, é ilustrativa dessa dupla característica de sedução e contágio. Assim, ao homem negro, mesmo que gay, é esperado que cumpra o papel do ativo, daquele que penetra, já que é um pressuposto cultural recorrente a extensão da posição sexual a características sociais e de personalidade. Ser ativo ou passivo diz respeito também a posições na vida, no mundo e aspectos da personalidade, tradicionalmente associados a homem e mulher, respectivamente, como mostra, entre outros, Misse (1978).

Perguntei então a Nelson como era para ele esse mito acerca da sexualidade negra, ao que ele me respondeu:

Para mim, é mais forte pelo fato de ter me descoberto gay aos 32. Nunca tive interesse em ser passivo até porque eu era o cara que mandava bem nas mulheres como diria o povão rrsrrsrs. E ainda tinha um elemento surpresa, que eu era gordo e quando chegava na cama, tinha pauzão. Para o senso comum, todo gordo tem pau pequeno kkkkkkk. Literalmente se fodiam heheheeh

É interessante notar que Nelson conecta sua trajetória e sua falta de “interesse” em ser passivo, por um lado, com seu passado heterossexual e o fato de ser bem-dotado – outro pressuposto cultural conferido ao homem negro e negado ao homem gordo – com a história que ele conta, do rapaz que se “submetia a ser ativo”. Se, como mostro na pesquisa, persiste um estigma sobre o homossexual passivo, para o negro é ainda

pior: sua natureza hiperviril o alocaria automaticamente na posição de ativo numa relação entre homens. Assim, um negro ser passivo é visto como o abandono do capital erótico que lhe garante algum prestígio, já que, na esfera das relações afetivas, ser negro muitas vezes aparece como um “defeito”.

Laura Moutinho abordou esse aspecto em contexto heterossexual, ao analisar relações heterocrômicas. Interessada no “mito de erotização do homem ‘negro’”, a autora se pergunta como esse homem que “aparece tão estigmatizado no mundo dos prazeres e afetos ‘inter-raciais’, apresenta-se com tanto prestígio no mercado erótico”(MOUTINHO, 2004, p. 351). A resposta parece estar vinculada à associação entre cor/raça e posição sexual, com base no modelo de relação hierárquica descrito por Fry (1982):

Creio que é possível sustentar que o binômio “atividade/passividade” e seu correlato “dominação/submissão” aludem, ainda, na esfera das representações sexuais e eróticas, a um outro tipo de relação hierárquica (ou de superioridade): a da “raça negra” sobre a “branca”⁶.

A ambiguidade em torno do status do “negro” no mercado homoerótico ganha contornos específicos nas salas de bate-papo, já que os primeiros contatos se dão a partir da linguagem, antes que se veja a aparência do interlocutor. Portanto, a escolha do *nickname* é fundamental: se o uso de “NEGÃO”, por exemplo, pode evocar o “animal sexual” de que falamos, usar “negro” sem indicar seu pertencimento a essa “raça” de ativos hipersexualizados pode ser perigoso, como nos conta outro interlocutor. Fernando (18 anos, assistente de produção, autodeclarado negro) diz que há

a questão do racismo tb... tem gay branco que só sai com gay branco. acredita que eu fiz uma espécie de teste no uol? que deu certo... o preconceito de alguns é mais com a palavra – NEGRO. Eu entrei no uol uma vez, quando alguém vinha falar comigo eu falava que era negro... isto durante a tarde, quase ninguém quis sequer me adicionar no msn. Chegou a noite, passei a falar que era “moreno”, daí me adicionavam...

pediam pra me ver na webcam⁷, fotos etc... eu mostrava e eles me curtiam, elogiavam. Teve uns 3, 4 caras que me adicionaram umas duas, três vezes em oportunidades diferentes e sempre me “preferiam” na condição de moreno.

⁷ Câmera acoplada ao computador, pode ser usada no MSN para conversas em vídeo.

⁸ O *nickname* ocupa nos sites um lugar exacerbado de “autoenunciado performativo”, resgatando o termo que Butler (2002) toma de empréstimo das teorias linguísticas de J. L. Austin, já que aqui é o que te identifica de fato: antes de sua imagem, está o seu “nome”.

O enunciado performativo⁸ aparece aqui, com sua força de realidade. Fernando se torna negro quando diz que é negro; a “verdade” da sua cor depende do anúncio. Se diz que é moreno, moreno passa a ser. Esse “clareamento estratégico” que nos conta Fernando é uma maneira de burlar um esquema de categorias que capturam a imagem – já que, mesmo em escala muito menor que o “não curto afeminados”, também aparece nas salas de bate-papo o discurso “não curto negros” – e alcançar sobrevida no flerte. Tal clareamento classificatório já tinha chamado minha atenção, visto que vários dos usuários de quem vi fotos ou a imagem da *webcam* pareciam – pelo menos para mim, por um critério pessoal e, sem dúvida, subjetivo – mais “escuras” do que diziam. Assim é que geralmente “morenos claros” me pareciam bem morenos, “morenos” me pareciam morenos escuros e “morenos escuros” me pareciam negros.

Esse “clareamento nominal” é mais evidente e frequente na internet, mas não é exclusividade do universo virtual. É quase uma tradição brasileira reservar as categorias “negro” ou “preto” apenas a quem tem a pele bem escura. Entre os michês paulistanos pesquisados por Nestor Perlongher, essa questão aparecia também:

[...] o preconceito não impede que boa parte dos prostitutas seja negra ou não-branca (mestiços, mulatos, genericamente chamados de *pardos*). O predomínio cromático costuma ser dissimulado recorrendo a definições *sui generis* das categorias raciais, considerando pardos ou “morenos claros” (definição abundante nos classificados “gays”) como “brancos” (PERLONGHER, 1987, p.151, grifo do autor).

É interessante notar como a agudização do clareamento já se esboçava no mercado virtual de sexo pré-internet, qual seja, o dos classificados de periódicos gays. Entretanto, tal tendência convive com a tendência citada acima, de mitificação do corpo negro como um corpo hipersexualizado, cuja performance selvagem seria acima da média:

Em compensação, os michês negros se gabam de encantos especiais. Este encanto pode provir da associação entre negritude e animalidade, herança da escravidão que negava a humanidade do africano e o destinava exclusivamente ao trabalho braçal⁹.

⁹ *Ibid*, p.152.

Em boa parte do mercado homoerótico em geral, e nos ambientes virtuais pesquisados, em particular, esse *frisson* em torno da sexualidade do negro pressupõe, porém, a correspondência com certos atributos da masculinidade, como a força física, a assertividade, a rudeza, sem falar, é claro, na suposta superioridade negra no que tange às dimensões do pênis, o que os qualificaria como ativos irresistíveis. Configura-se então uma articulação entre heterossexismo e racismo, que, por um lado, exalta um negro sobrenaturalmente masculino e, por outro, subalterniza o negro “normal”.

Essa valorização do negro viril e ativo é tratada por Perlongher como um dos “tensores libidinais” que ele encontrou em sua pesquisa acerca da prostituição masculina, perspectiva recuperada por Moutinho em outro contexto:

Na interpretação de Perlongher [...] a tensão adulto /jovem, a tensão de gênero, de idade e “mais ocultamente” a de “raça” se convertem, respectivamente, em uma relação de “desejabilidade do adulto pelo jovem”, do viril pela bicha, da transgressão das clivagens de classe e do desejo do “branco” pelo “negro” e vice-versa. *Dito de outro modo, esses tensores sociais, transindividuais e hierárquicos funcionam como agenciadores do desejo, de modo que este não se encontra reduzido apenas ao âmbito individual e subjetivo.* (MOUTINHO, 2004, p. 353, grifo da autora.)

A representação que Nelson faz sobre as relações “negro”/“branco”, de fato, mobilizam um imaginário cultural hierárquico que lança mão de

componentes extrassexuais coletivos e históricos. Ele nos conta de sua primeira experiência:

Primeira vez aos 32 anos, tomei coragem e entrei numa linha de telefone. Conheci um cara, casado, que gostava de negro. Morrendo de medo, fui ao seu encontro. Putz, o cara pirou só de ver um negro na frente dele. Na cama, foi uma loucura só. Dei uma surra de pau nele kkkkk Gostei de possuir, de ver a submissão dele diante de um negro.

[Ele era branco?]

Sim. Na cama com branco, eu acho, do meu ponto de vista, que a relação em si é mais desigual, pois há uma intensa submissão do branco. Negro com negro é mais paritário.

[Por que você acha que isso acontece?]

Primeiro porque tenho observado que aqueles que têm práticas homossexuais desde cedo e em geral como passivos são mais centrados na homossexualidade. Literalmente não podem ver um pau. Se for de negro, então, surtam e daí fazem qualquer coisa para tê-lo e daí surge um problema sério: somos, enquanto negros, compartimentados e vistos como um pau. Para quem pensa um pouco só, isso gera sofrimento.

A percepção de Nelson indica que através da relação sexual, se operaria um jogo de inversão da dominação cultural, em que o negro, ocupando a posição de ativo, submete o branco, seduzido pelo atributo do negro ativo, o “pau”. Apesar disso, e de se gabar de sua performance sexual, Nelson demonstra ressentimento em relação à objetificação metonímica de que sofreriam os negros ativos. O lugar de classe que ocupa e o capital cultural adquirido parece ser a chave para sua observação ao circunscrever o sofrimento a quem “pensa um pouco só”.

A compartimentação do corpo a que se refere Nelson aparece também no discurso de Fernando. Apesar da dimensão racial não estar explicitada, pode-se imaginar que a apropriação particular da “carne” negra reforça o incômodo de Fernando:

Logo que comeci a entrar... eu procurava alguém para namorar etc. Mas com a facilidade do sexo fui esquecendo essa parte... Até mesmo porque ninguém quer nada sério ali. Passei um bom tempo sem entrar... Porque havia percebido que aquilo era uma espécie de açougue humano..

[Como assim?]

Açougue ué... Gente vendendo o corpo... Como carne. Ou até mesmo dando de “graça”. Eu não sou nenhum tipo de puritano. Até mesmo se fosse não frequentaria tal lugar virtual, mas, sei lá, as pessoas poderiam ter um pouco mais de pudor/dignidade.

A imagem de fragmentação de um corpo consumível em pedaços, “como carne”, é muito presente, inclusive nos símbolos oficiais dos próprios ambientes virtuais. Vejamos o caso do Manhunt. O termo *hunt* significa caça, o que remete à imagem do consumo de pedaços de carne. Já o “Grindr”, que é uma rede geosocial, um aplicativo para ser utilizado em telefones celulares de última geração, em que o usuário consegue localizar outros usuários online que estejam perto dele, exacerba essa metáfora: o nome “Grindr” é corruptela da palavra de língua inglesa *grinder*, que em português significa moedor; no Grindr, chegamos à ponta de tal representação: aqui se mói a carne, nem peças inteiras temos mais.

Voltando a Nelson, vemos que junto da questão da cor/raça e da segmentação do corpo, o esforço de ascensão social é muito repisado nas falas, inclusive para justificar sua vida sexual tardia:

[Até os 32, você nunca tinha ficado com um homem?]

Não, nunca. Um negro favelado criado numa família tradicional, que queria ser médico. Nunca me ative à sexualidade nenhuma, tendo me focado nos estudos.

[Mas transava com mulheres?]

Sim, mas só aos 27 anos.

O interlocutor parece preferir relações “paritárias” negro-negro, ainda que para isso reforce o mito de sexualidade sobre-humana do negro:

Eu adoro negros. Tenho mais de 300 filmes com negros transando entre si. Duvido que alguém tenha uma coleção dessa. A pegada é forte, como dizem rrsrrs

[Então você concorda com a imagem de negro quente?]

Sim, somos quentes sim. No imaginário todos os negros gays tem pauzão, são quentes e têm a porra grossa.

Nelson afirma o caráter “imaginário” de tais atributos do homem negro ao mesmo tempo em que confirma a existência dos mesmos. Sua percepção do lugar especificamente sexual do negro provoca uma oscilação entre a satisfação com seu papel de “macho quente, com pegada” e o sofrimento de se sentir um corpo fragmentado.

Minha vivência e a dos outros como negro é muito específica. Partem do pressuposto de que o fato de ser negro é ter pau grande. Esta associação é indissociável. E aí, no mercado gay, valemos mais, pois se somos negros e ativos... Ativos estão em extinção.

[Você acha que ativos estão em extinção?]

Sim, [tem] muitos passivos em tudo na vida. Em tudo.

[Como assim?]

A passividade do sexo se estende a outros campos da vida do homem gay também. São mais frágeis, dependentes emocionalmente, sofrem mais violência, é tanto nhemnhem. Não estão nem no universo masculino nem no feminino. Onde estão não sei, sendo bem sincero. Dão pinta demais. Vejo isso até no meio universitário: o cara é pós-doutor, mas por uma rola se abre todo. Não consegue dar as cartas...

[O que você está chamando de dar as cartas, no caso?]

Ter domínio sobre si mesmo, saber que o outro o está usando sexualmente para alcançar tal posição e não se deixar levar, mas isso não acontece. O cara se sujeita a ser usado só para depois dizer: “eu fiz fulano”. Quando na verdade ele foi usado pelo bonitinho para ser aprovado em X lugar e tchum

[Entendi. Mas não é uma troca?]

Em geral não, pois como o ouço, como médico depois, ele vem com a queixa de que foi usado, de que está a sofrer. Daí é o que eu falo sempre: quem inventou esta situação de que ser gay é ser centrado na sexualidade?

O paralelismo entre posição sexual passiva e “passividade social” relacionados a uma trajetória marcada pela longa abstinência são pistas para entender o desconforto de Márcio em relação ao que seria a centralidade da sexualidade na vida dos homens gays. Quando peço que refaça sua trajetória afetivo-sexual, a partir da primeira experiência homo, ele me conta de sua relação com outro negro. O conflito parece surgir do desejo de Nelson por uma relação “igualitária” em cor (entre negros), mas que

encontra limites na questão intelectual e de classe. Assim, parece restar para ele, um relacionamento com branco, na chave do fetiche por negros, que ora surge no discurso negativamente, ora como um capital que ele valoriza:

[Depois desse caso com o moço da linha telefônica, como foi?]

Foi uma transa. Eu morri de medo na verdade. Vi nos olhos dele o fascínio por um negro.

[E depois?]

Outros vieram, até eu amar um negão. Este quase me enlouqueceu. Agente penitenciário, noivo. Mas eu era demais para ele, autoestima dele muito baixa, achava que eu era muito inteligente. Dai engravidou a mulher.

[Você chegou a ter algum relacionamento duradouro?]

Sou casado há nove anos com um branco. ADORA NEGRO! Kkkkkkkkk

[Então você casou pouco depois do primeiro?]

Não tive tempo de entrar no universo gay até porque não concordava com nada. Pegação, nem pensar. Banheiro, sauna, rua, escada, final de ônibus, putz. [...] Tive a oportunidade de neste fim de semana estar na Farme de Amoedo¹⁰. Amigos vieram de fora e adoram aquilo lá. Fui. Muito estranho, achei.

[Por que?]

Caras de solidão demais, pegação em banheiro, desrespeito ao outro acompanhado, michês, etc... fiquei me perguntando: é isto que é ser gay? Ou é isto que é ser humano atualmente? Aí será entre mim e minha terapeuta kkkkkkkk

Seu incômodo com o “meio gay” parece estar ligado a essa hipersexualidade, e a uma sensação de descontrole, de “falta de rédeas” sobre seu destino. Esse controle fora conquistado por ele a duras penas: a combinação de elementos díspares como uma juventude pobre, de sacrifício e a barreira da cor negra e da classe baixa a ser vencida, por um lado; e, por outro, o presente bem-sucedido, seja no papel cumprido de ativo, seja na carreira, além de uma postura ambivalente em relação à sexualização do ativo negro, informa a visão peculiar de Nelson acerca do mercado (homo)erótico:

¹⁰ Área que comporta alguns quarteirões da rua Farme de Amoedo, no bairro de classe média/alta da zona sul carioca e a faixa da praia que fica em frente a esta; é uma famosa área gay da cidade do Rio de Janeiro.

Sou fiel, entro nas salas para conversar. Quase não tenho amigos, me sinto só. Minha família não sabe oficialmente de nada, daí é uma vida quase esquizofrênica. São tantas versões para diversas pessoas que no final acabo me isolando.

[Não transou com mais ninguém depois de casar?]

Sim, mas num sexo a 3. No início uma violência pra mim. Que horror, chorava igual a criança. Nunca entendi isto. Meu modelo sempre foi homem e mulher e um homem para uma mulher; mesmo que haja traição, mas é sempre um homem para uma mulher. Deu um nó. Acho que a maior dificuldade para quem entra tarde na vida gay é tentar se despir dos modelos heteros. Eu acabei encontrando minha maneira diferente de ser gay: não ando no meio, sou gay, casado, na minha mesmo, viajo muito, raros amigos (até porque se passam por amigo e querem transar às escondidas) etc...

[Então, vc entra nas salas para conversar?]

Sim, entro por solidão mesmo. Sempre em busca de entender um pouquinho do outro e na verdade me entender, me situar. Pois acho que às vezes tudo fica confuso.

[O que fica confuso para você?]

O mundo no qual entrei. Como sempre, alguém pode dizer: mas no mundo hetero é pior. Mas estou centrado no mundo gay, então meus questionamentos vêm dele neste momento.

Medo da solidão, solidão de fato, horror, esquizofrenia são elementos psicológicos do universo de Nelson, em sua jornada de ascensão social entremeada à construção de uma sexualidade própria. Leo Spitzer (2001), ao analisar trajetórias de marginalização de classe e raça entre os séculos XVIII e XX, na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, mostra como as subjetividades dos atores e os contextos ideológicos nacionais e transnacionais burgueses em ascensão estão intrinsecamente relacionados. O autor aponta que não são simplesmente “fatores objetivos” que determinam a forma expressa de resposta a situações de exclusão e frustração referentes aos esforços de mobilidade social. É necessário perceber nas experiências o peso da relação dinâmica entre a ideia *subjetiva* que o indivíduo tem do *eu no presente* e sua ideia do *eu no futuro* – uma relação interpretativa e mutável, baseada na *percepção* que o indivíduo tem de sua situação passada e presente num dado momento, *em*

relação à sua *construção* do futuro. É essencial enfatizar, entretanto, que essas percepções e construções individuais não foram fantasias inventadas, colhidas na imaginação. Como indicam as histórias dos May, Rebouças, Zweig e Brettauer, narradas na primeira parte deste livro, elas estavam profundamente arraigadas na vida social, sendo influenciadas e afetadas pelas mudanças políticas, econômicas e sociais externas (SPITZER, 2001, pp.152-153).

O que percebemos na composição da confusão de Nelson é a conquista da posição de classe desalinhada com um modelo de afetividade/sexualidade. Daí seu desespero e sentimento de violação na relação a três e seu desamparo ao se dar conta de que o modelo monogâmico-hetero não se realizaria em sua vida “gay”. Seu sucesso profissional tampouco lhe garantiu uma vida social satisfatória: sua busca por amigos nos ambientes “gays” da internet o devolve à posição do corpo negro fragmentado, consumível, sexualmente animalizado.

[E você consegue fazer amigos nas salas de bate-papo?]

Não, os caras se surpreendem com minha educação, no sentido de ser polido, mas logo querem saber o tamanho do pau. Uma coisa interessante de você abordar é o fato de ser negro e ter um curso superior. Sempre noto que isto suplanta o fato de ser negro no sentido negativo. Primeiro não acreditam e ficam nos testando pra saber se é verdade, depois acham que devemos bancar...

É interessante notar nessa experiência a articulação específica dos marcadores sociais da diferença: se, para brancos(as) ou negras(os) em geral, a ascensão de classe tende a ser vista como um ganho e uma possibilidade de se inserir em outros universos, para Nelson, seu status profissional o atrapalha, porque lhe aloca necessariamente no lugar de provedor. Segundo ele, atrapalha ainda mais que o fato de ser negro, que como vimos com Fernando, pode ser uma barreira intransponível no contato homoerótico virtual, ou ainda, pode ensejar uma objetificação de que Nelson se ressent e que lhe gera sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias etnografias recentes trataram de contextos homoeróticos em que se imbricam raça, classe e sexualidade¹¹. À guisa de conclusão, citarei algumas como exemplos de pesquisa interseccional que buscam apreender a complexidade dos sistemas de produção de diferença, cuja perspectiva se aproxima à que procurei aplicar em meu trabalho de campo.

Em “Negociando com a adversidade”, Laura Moutinho (2006) apresenta jovens gays “mais escuros” em subúrbios e favelas do Rio de Janeiro cujas trajetórias podem ser comparadas à de Nelson. A autora sugere que, a despeito da suposta “somatória de adversidades” que caracteriza o lugar de gay, negro e pobre, possibilidades de agência específicas emergem dessa posição. Para alguns desses jovens o “campo de possibilidades” que se abre com a oportunidade de se relacionar com homens estrangeiros, mais brancos e com uma melhor condição de classe, permite certos trânsitos que não estão disponíveis para os jovens heterossexuais do mesmo contexto social. É interessante notar que nesse caso, a associação entre negritude e masculinidade não é tão definitiva: na relação com parceiros estrangeiros, uma relativa afeminação do jovem negro não implica em interdição erótica.

No caso de Nelson, a mobilidade social se concretiza: vindo também da favela, ele conseguiu uma posição melhor de classe de forma diferente - a partir da escolarização -, o que parece estar relacionado ainda a seu casamento estável. Como vimos, porém, tal trajetória “bem-sucedida” não se deu sem muito desconforto para ele. Ainda assim, Nelson acredita no projeto de ascensão individual. Ao se despedir, me deixa uma breve lição de prosperidade: “Agora vou lá, rapaz. Muito prazer, Nelson. Estude bastante, vc pode chegar onde vc quiser.”

Em “Na ponta do pé”, de Isadora Lins França (2009), conhecemos Rodrigo, um jovem negro que apresenta um incômodo semelhante.

Aos 26 anos de idade, Rodrigo é um rapaz que se define como negro e homossexual, e apresenta um estilo que poderia ser definido como *mano*: “calças e camisetas largas, bermudão e tênis de *skate*, boné, e gírias muito mais associadas a um universo de rapazes da periferia identificados com o *black* e o *hip-hop* do que com os termos utilizados no universo gay.” (FRANÇA, 2009, p.411).

Rodrigo carrega a frustração de que o principal elemento que atrai potenciais parceiros seja esse perfil de negro másculo e *mano*, já que ele gostaria de ser valorizado por sua inteligência. Filho de empregada doméstica, sente seu investimento intelectual eclipsado pelo fetiche que se corporifica nele. Como Nelson, Rodrigo lamenta o fato de ser objetificado, como num “catálogo de negros”, em sua própria definição. No entanto, também como o primeiro, este maneja a situação:

[...] às vezes, quando o cara se aproximava por mim, via meu jeito e tal, isso atraía o cara e quando eu começava a conversar com a pessoa, ela “pô, esse cara é inteligente” e muitas vezes deixava o cara mais atraído ou menos atraído isso. Porque na verdade ele estava atrás de uma coisa pra satisfazer aquele fetiche dele de sair com um mano da periferia. [...] E eu brincava com isso, eu gostava de brincar com isso, porque na verdade por dentro eu dava risada. (FRANÇA, 2009, pp.413-414)

Em “A sessão de desenho de modelo nu”, Marcio Zamboni (2013) analisa as ambivalências da articulação entre raça, classe e performances de gênero em uma situação etnográfica específica. Luiz é um rapaz mais pobre, mais escuro e em certo sentido mais masculino que os artistas que o desenham. Além de modelo, ele é amigo e amante eventual de um dos artistas, tendo conhecido este através da internet, em ambientes como os que apresento em minha pesquisa. Neste contexto, Luiz tem acesso a um universo de classe mais valorizado e pode ganhar algum dinheiro. Por outro lado, Zamboni mostra como essa posição também reafirma certas hierarquias e representações.

As articulações entre raça, classe, sexualidade e estilo têm efeitos diversos nos exemplos acima. Todavia, o mais relevante talvez seja o que

eles têm o comum: o fato de que os efeitos são sempre ambivalentes. Os campos de possibilidades são diversos e as trajetórias são multifacetadas, bem como os sentimentos e estratégias acionadas pelos sujeitos. O que os casos em questão nos indicam, sob a luz da bibliografia citada, é que a articulação dos marcadores sociais da diferença não seguem modelos, não podemos tentar controlá-la como controlamos peças de *Lego*, usando a metáfora de McClintock (2010). E tal articulação tampouco aponta sempre para um caminho de desprestígio ou de ascensão: é imprevisível e deve ser sempre investigada cuidadosamente.

REFERÊNCIAS

AGUIÃO, Sílvia. *Aqui nem todo mundo é igual: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Medicina Social/UERJ. 2007

BRAGA, Gibran Teixeira. “*Não sou nem curto*”: *prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual*. Dissertação de Mestrado. PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro: 2013.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

DÍAZ BENÍTEZ, Maria Elvira. *Negros homossexuais: raça e hierarquia no Brasil e na Colômbia*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/UFRJ. 2005

FRANÇA, Isadora Lins. “Na Ponta do Pé: quando o *black*, o samba e o *gls* se cruzam na cidade de São Paulo.” In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FRY, Peter. “Da Hierarquia à Igualdade” In: *Pra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1978.

MOUQUINHO, Laura. *Raça, "Cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004

_____. Negociando com a Adversidade: reflexões sobre raça, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1), janeiro-abril de 2006, p.103-116.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008 [1987].

SPIZZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental – 1780-1945*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

ZAMBONI, Márcio. A sessão de desenho de modelo nu: produção artística e marcadores sociais da diferença. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), v. 15, p. 62-85, 2013.